

AS PALAVRAS E OS FATOS

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Isto É-Senhor, 20/09/89

Quem assistiu às apresentações de Mário Covas e de Fernando Collor no "Palanque Eletrônico" da rede Globo ficou impressionado com a similaridade de pontos de vista dos dois candidatos, principalmente em relação aos problemas econômicos. Ambos estão preocupados com a crise fiscal, ambos colocam como prioridade a eliminação do déficit público, ambos advogam a redução da dívida externa através de medidas unilaterais se necessário, ambos estão preocupados com o inchaço do Estado, ambos são favoráveis à privatização. Para quem ajudou, como é o meu caso, a preparar o programa econômico de Mário Covas, a verificação de que o candidato na dianteira das prévias eleitorais adota posições semelhantes poderia ser reconfortador. Mas não é. Não é porque sabemos que existe uma enorme diferença entre as palavras e a ação. O discurso dos candidatos é sem dúvida importante. Mas mais importante é saber se o candidato é sincero, se acredita realmente no que diz, se terá a firmeza e a coragem necessárias para por em prática o ajuste fiscal que o país necessita, e se contará com a equipe necessária para governar.

Fernando Collor deriva sua posição privilegiada nas prévias eleitorais de seu discurso contra o governo Sarney e contra o uso privado de recursos públicos representado pelos "marajás". Covas também tem uma posição muito clara contra o governo Sarney e contra a corrupção. Vejamos, porém, os fatos.

Foi em 1987 que a oposição de Covas e de Collor se manifestou contra o governo Sarney. Qual delas, entretanto, foi mais efetiva? Qual delas incomodou mais o Planalto? Collor, naquele momento, havia acabado de ser eleito governador do Ceará, e esteve inúmeras vezes no Planalto. Incomodou em certos momentos o Planalto, mas de forma muito limitada. Em contrapartida, Covas era o líder do PMDB na Constituinte. E desde o início do ano adotou uma posição firme a favor dos quatro anos para Sarney. Em conseqüência foi transformado pelo Planalto no arqui-inimigo. Sofreu inúmeras perseguições. Antes de 1987 poucas vezes fora ao Planalto; a partir de então não foi mais.

Outra comparação. Collor derivou seu prestígio da fama de "caçador de marajás". Ou seja, o homem zeloso dos recursos públicos. Mas qualquer comparação isenta entre o seu governo em Alagoas e a administração de Covas na Prefeitura de São Paulo demonstrará que a diferença foi enorme. Onde não houve empreguismo, onde não houve uso de recursos públicos para propaganda pessoal, para financiar sua campanha eleitoral e para atender a amigos e parentes foi na Prefeitura de São Paulo, não no Estado de Alagoas.

Estas duas comparações nos informam que pode haver uma distância muito grande entre os discursos e os fatos. Os discursos tendem a se igualizar, na medida em que os candidatos procuram se aproximar da média da opinião pública. Mas não há nenhuma razão para imaginar que as ações acompanharão os discursos. Apenas em alguns casos temos discursos claramente diferentes. Por exemplo, Collor diz que não é político, que nada tem a ver com a política; Covas se afirma político, apenas distinguindo os políticos com P maiúsculo dos políticos fisiológicos. Neste caso seria interessante saber quem está afirmando a verdade.

Seria interessante também saber se a verdade acaba prevalecendo nas eleições. Tenho minhas dúvidas. Mas no fundo compartilho daquela crença de Lincoln de que é possível enganar alguns por algum tempo, mas é impossível enganar a todos durante todo o tempo.